



A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA ENTRE O SUPERVISOR ESCOLAR E OS PROFESSORES EM RELAÇÃO AOS ALUNOS QUE MANIFESTAM INDISCIPLINA ESCOLAR

RESUMO

Este artigo apresenta as causas da indisciplina escolar e como ela interfere na aprendizagem dos alunos. Discute ainda sobre a importância da parceria entre a escola, pais, o supervisor escolar e os professores em relação a esses alunos indisciplinados. Assim, como objetivo geral, pretende-se identificar fatores que levam à indisciplina escolar e como professores e o supervisor escolar podem, através das suas competências e parceria, contribuir significativamente nesse contexto. Trata-se de uma revisão bibliográfica, fundamentada em literatura especializada, consulta a artigos científicos publicados em bases de dados, além de literaturas especializadas fundamentada nos autores Aquino, Baú e Ruiz, Rego, Santos, Silva, Tiba, Trevisol e Lopes. Constata-se que a indisciplina escolar é uma realidade das escolas, possui causas variadas, sendo que fatores externos aos alunos, muitas vezes, podem desencadear essa reação no aluno. Neste contexto, professor e supervisor escolar podem, devem e conseguem trabalhar em parceria para que essa problemática seja resolvida.

Palavras-chave: Indisciplina na Escola. Professor. Supervisor Escolar.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute sobre a importância da parceria entre o supervisor escolar e os professores em relação aos alunos que manifestam indisciplina escolar, considerando que muitos professores desabafam em reuniões pedagógicas, conselho de classe sobre esta realidade que vem influenciando o andamento das aulas, o desempenho do professor e da escola.

A indisciplina escolar é um dos assuntos mais discutidos entre professores e equipe pedagógica, pois se trata de um problema enfrentado por eles em seu cotidiano. São casos que se repetem, ano após ano, sem

DOMINGOS, Gabriela Ana.
Pedagoga; Especialista em
Supervisão Escolar.
(SINERGIA)
gabrieladomingos1986@gmail.
com

SOARES, Andrey Felipe Cé.
Pedagogo; Mestre e Doutor em
Educação
(SINERGIA)
cesores@gmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4427471Z4>

FRAINER, Viviane.
Pedagoga, Especialista em
Supervisão Escolar e em
Orientação Escolar
(SINERGIA)
vivianefrainer@hotmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4315019P3>

DOMINGOS, Gabriela Ana; SOARES, Andrey Felipe Cé; FRAINER, Viviane. A importância da parceria entre o supervisor escolar e os professores em relação aos alunos que manifestam indisciplina escolar. **REFS – Revista Eletrônica da Faculdade Sinergia**, Navegantes, v.9, n.14, p. 50-61, jul./dez. 2018.

que se consigam soluções satisfatórias. Esse fator é um desafio para o professor e, conseqüentemente, para o supervisor escolar que, juntos, precisam buscar, incansavelmente, o melhor caminho para resolver os casos de indisciplina que ocorrem no ambiente escolar, para que o aprendizado dos alunos não seja prejudicado.

Compreender as causas da indisciplina e como ela infere na aprendizagem dos alunos, é uma das preocupações da escola, dos professores e, principalmente, dos pais. Nesse sentido, qual é a importância da parceria entre supervisor escolar e professores em relação aos alunos que apresentam problemas de comportamentos?

Assim, como objetivo geral, pretende-se identificar fatores que levam à indisciplina escolar e como professores e o supervisor escolar podem, através das suas competências e parceria, contribuir significativamente nesse contexto. Como objetivos específicos, pretende-se: a) Identificar fatores que levam à indisciplina

escolar e como ela se manifesta no ambiente escolar; b) Compreender como a indisciplina infere na aprendizagem dos alunos; c) Apontar a importância da parceria na relação supervisor escolar e professor.

Trata-se de uma revisão bibliográfica, fundamentada em literatura especializada, consulta a artigos científicos publicados em bases de dados, além de literaturas especializadas fundamentada nos autores Aquino, Baú e Ruiz, Rego Santos, Silva, Tiba, Trevisol e Lopes.

Constatou-se que a indisciplina escolar é uma realidade das escolas, possui causas variadas, sendo que fatores externos aos alunos, ou seja, a indisciplina do professor, da escola, da família, da sociedade, muitas vezes, pode desencadear essa reação no aluno. Mesmo assim, professor e supervisor escolar podem, devem e conseguem trabalhar em parceria para que essa problemática seja resolvida.

1 A INDISCIPLINA NA ESCOLA - UMA REALIDADE CONTEMPORÂNEA

A instituição escolar é vista como um ambiente importante para o desenvolvimento do aluno de forma integral, em todas as dimensões: social, psíquica, política, cognitiva, afetiva, cultural, etc., pois é uma instituição social e assim, deve empregar e reelaborar os conhecimentos produzidos socialmente.

Para Saviani (2005, p. 14), a escola tem como objetivo “propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber”. Assim, quando o aluno não possui boa relação com essas dimensões, quando não as considera significativas, quando não tem ciência de que só o conhecimento possibilitará que ele transcenda socialmente, culturalmente, cognitivamente, tem seus valores e desejos aflorados, ignoram padrões de relação, defrontam-se com questões morais e assumem uma postura de desrespeito com o professor, com a escola e amigos, fazendo da aula uma ‘bagunça’, ou seja,

quebram as regras, desobedecem, causam confusão neste ambiente. (TIBA, 2006, 2012). Esta reação pode ser traduzida como indisciplina, fato comum nas escolas, mas que prejudica o processo de ensino e de aprendizagem; o trabalho do professor é dificultado e o desempenho do aluno é influenciado de forma negativa. A escola e, por conseguinte, a sala de aula possuem leis, regras e estas devem estar claras desde o primeiro dia de aula e todos devem cumpri-las: pais, alunos, professores, comunidade escolar.

A indisciplina é uma reação proveniente de diferentes e variadas causas. Ainda, advém de diversas situações e se manifestam de múltiplas formas, influenciando o convívio escolar; o professor fica sem noção do que fazer, como agir, pois, chamar os pais é complicado, muitos nem vão à escola; ameaçar?; repreender?; castigar?; o que fazer, uma vez que há alunos que querem prestar atenção, querem aprender?; como fazer com

que o respeito impere na escola, se cada aluno vem de uma realidade diferente?; como fazer com que a responsabilidade que possuem de que o ensino e, conseqüentemente, a aprendizagem aconteça nesse espaço, e assim, não pode ficar para último plano?.

A única certeza é que a indisciplina atrapalha a todos os alunos na sala e o papel do professor fica comprometido. (AQUINO, 1996; SANTOS, 2016; SILVA, 2014; TIBA, 1996, 2006; TREVISOL; LOPES, 2008). Os professores ficam irritados, com aversão ao aluno, prejudicando o ambiente escolar. Enfim, os alunos indisciplinados contribuem para que o professor perca o interesse por sua profissão, muitas vezes adoeçam, enrijeçam, tornando-se impacientes e autoritários, ou seja, interfere diretamente no exercício das competências de ser educador. (JESUS; MAIA, 2010). Esta realidade desanima até amigos da classe.

O professor sozinho, na grande maioria das vezes, não consegue resolver esse problema, por outro lado, os alunos indisciplinados não podem ser deixados de lado (TIBA, 2006); todos que participam da sua educação, relacionam-se com ele todo o tempo, e não só quando apresentarem problemas indisciplinados devem participar desse processo. Desta forma, o supervisor escolar deverá contribuir com a prática do professor no processo de ensino e aprendizagem, minimizando problemas relacionados à indisciplina escolar, bem como todos os demais integrantes da equipe pedagógica: orientador, serviço administrativo, demais docentes, gestor, secretaria, pais, etc. (ARAÚJO apud OLIVEIRA, 1996; SANTOS, 2016; SILVA, 2014). Elencar a importância da parceria na relação supervisor escolar com o orientador educacional, professores, etc., para amenizar a indisciplina, é imprescindível, pois, neste momento, toda ajuda é necessária; o professor sozinho não conseguirá desenvolver um bom trabalho. A equipe pedagógica deve se unir em prol dos alunos. Para Araújo (apud OLIVEIRA, 1996, p. 215): “Enfrentar a indisciplina da vida, portanto exige dos profissionais da educação uma nova postura, democrática e dialógica, que entenda os alunos não mais como sujeitos subservientes

ou como adversários que devem ser vencidos e dominados”, pois os educandos serão o futuro da sociedade, Deste modo:

As relações na escola devem ser de respeito mútuo, a diversidade dos interesses pessoais e coletivos devem ser valorizados, e a escola deve buscar construir uma realidade que atenda aos interesses da sociedade e de cada um de seus membros. (ARAÚJO apud OLIVEIRA, 1996, p. 232).

Assim, espera-se de seus cidadãos em formação comprometimento com as leis, criticidade e também respeito à opinião do outro para que todos possam viver em harmonia.

No entanto, enquanto a indisciplina predominar, é necessário que seja identificada a raiz do problema e todos os corresponsáveis devem trabalhar em parceria, utilizando-se de todos os meios para contribuir com este aluno ‘problema’. Quando já não houver mais recursos a serem aplicados, quando “a escola não conseguiu que o aluno se adequasse a ela, nem conseguiu a colaboração dos pais, a escola tem o direito sim, de expulsar um aluno indisciplinado”, enfatiza Tiba (1996, p. 46).

1.1 MOTIVOS QUE LEVAM À INDISCIPLINA

Para falar em indisciplina na escola, é necessário refletir antes sobre o que é disciplina no contexto escolar. Tiba (1996, p. 99) alude que

A disciplina escolar é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola. Como em qualquer relacionamento humano, na disciplina é preciso levar em conta as características de cada um dos envolvidos: professor, aluno e ambiente.

Considerado a conceituação do autor sobre disciplina, apesar de tratarmos neste artigo sobre (in)disciplina inerente ao aluno, cabe ressaltar que a postura do aluno pode sofrer influência da indisciplina da própria escola, da família e também do professor, afirmam Trevisol e Lopes (2008). Assim como pode ser reflexo da indisciplina da sociedade, bem como os motivos que podem levar o aluno a não se comportarem adequadamente nas

situações que exigem relação interpessoal, podem estar atreladas às

Características pessoais: Distúrbios psiquiátricos; distúrbios neurológicos; deficiência mental; distúrbios de personalidade; etapas de desenvolvimento como, confusão pubertária, onipotência pubertária, estirão, menarca/mutação, onipotência juvenil; síndrome da quinta série; distúrbios normóticos; distúrbios de comportamento que incomodam pouco.
Características relacionais, distúrbios entre os próprios colegas; distorções de autoestima. Distúrbios e desmandos de professores. (TIBA, 1996, p. 117, grifo dos autores).

Salvo alguns casos de características pessoais inerentes ao desenvolvimento, “[...] a indisciplina apresenta-se como sintoma de relações descontínuas e conflitantes entre o espaço escolar e as outras instituições sociais. (AQUINO, 1996, p. 48).

Com relação à família, a indisciplina desta instituição pode ser interpretada de várias formas: quando os pais ‘passam a mão na cabeça’ do filho, seja pelo excesso de zelo, pelos pais não acreditarem que seu filho possa ter reações de indisciplina, uma vez que em casa são totalmente diferentes; pelos pais intensificarem, mesmo que inconscientemente, a birra ou a agressividade, etc.; assim como quando há dificuldade em desempenharem seu papel de repasse de valores, de imposição de limites, permitindo tudo; quando não querem apresentar-se como autoritários para não criarem uma barreira na relação com o filho; quando se isentam de seus papéis; e, ainda, quando, apesar de perceberem que há algo errado, preferem se isentar, pois não sabem como agir. (TREVISOL; LOPES, 2008).

Essas atitudes da família, ou a falta delas, influenciam diretamente no comportamento escolar dos alunos segundo Trevisol e Lopes (2008, p. 28), pois “Para que a criança saiba aceitar e respeitar os limites apresentados pelos professores, colegas ou amigos com quem convive, é preciso que ela tenha aprendido este tipo de comportamento, desde os primeiros dias de sua vida, em sua família”, pois a sociedade possui regras mais rígidas que a família, sendo assim, a sociedade não será tão

condescendente com este cidadão. (TIBA, 2006).

Tiba reflete sobre a postura da família e sua relação direta com a indisciplina, afirmando que “se a criança encontrar terreno fértil dentro de casa, se tornará uma planta rebelde na escola, expandindo-se depois em direção à sociedade. (TIBA, 2006, p. 159).

Aquino (1996, p. 48), corrobora dizendo que “A indisciplina seria indicio de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares”, assim, a família pode ser determinada também como responsável por essa manifestação de indisciplina. Nesse sentido:

Escola e família exercem papéis distintos no processo educativo. Entretanto, evidencia-se, comumente, uma confusão na aplicação desses papéis. A principal função da família é a transmissão de valores morais às crianças. Já à escola cabe a missão de recriar e sistematizar o conhecimento histórico, social, moral. (AQUINO, 1998 apud TREVISOL; LOPES, 2008).

O ambiente de casa é o principal aliado da escola, assim, se os alunos possuem uma estrutura familiar adequada, aquela família que tem regras a seguir, onde o respeito impera acima de tudo, a escola não precisa desvirtuar seu papel. A falta de apoio familiar não prejudica apenas a escola no desenvolvimento do seu papel, afeta também o educando, diretamente. Para viver bem na sociedade e no espaço escolar, o aluno precisa ter o apoio da família, essa tem por obrigação educá-lo da melhor maneira, para que esse aluno possa viver em sociedade como indivíduo honesto e educado.

Todavia, na maioria das vezes, o que se vê é que a escola acaba absorvendo as funções da família, seja pelos inúmeros casos de famílias desestruturadas, falta de afeto, carinho e atenção e/ou ainda, condescendência dos pais, ou ainda, uma educação deficitária. Nesse contexto, para chamar atenção, por falta de discernimento moral ou como um pedido de ajuda, os alunos mudam seu comportamento em sala. Muitos já testam seus professores no

primeiro dia de aula, para ver até onde o professor, a escola suportará.

Por outro lado, alguns estudiosos como Aquino (1996), Baú e Ruiz (2010) e Rego (apud AQUINO, 1996), mencionam que outro fator que leva à indisciplina pode ser a falta de motivação no ambiente escolar, seja pela estrutura arcaica das aulas, pelos professores estarem desmotivados, dentre outros fatores. Aquino (1996, p. 48) ainda corrobora afirmando que “A escola não pode levar culpa por tudo, muito menos atribuir a responsabilidade às ações do professor, tornando a um problema de cunho essencialmente didático-pedagógico”. Mesmo assim, cabe refletir que a indisciplina dos professores e da própria escola influencia, sim, o comportamento dos alunos, como refletiremos a seguir.

Quanto à indisciplina da escola, Trevisol e Lopes (2008) alertam para o fato de que muitas vezes a escola impõe aos alunos regras não muito claras que impedem sua compreensão, causando descontentamento e más tomadas de decisão. A manifestação da indisciplina por parte dos alunos pode ser atribuída, sim, ao fato de que “À medida que cobra do aluno o respeito, o cumprimento das normas, o bom desempenho, a escola precisa oferecer subsídios para tais práticas”, para que o aluno se sinta parte da escola, corresponsável com o processo educacional. (TREVISOL; LOPES, 2008, p. 27).

Outro fator que pode ser apontado nesse contexto é a falta de planejamento da escola num todo. A falta de um projeto político pedagógico organizado, claro, significativo, que considere o pedagógico e o político da escola, elaborado de forma democrática, considerando todos os envolvidos no processo ensino e aprendizagem, principalmente o aluno, sujeito cultural, que vive em uma sociedade a qual evolui em num piscar de olhos.

E, ainda, segundo Tiba (2006), o ambiente escolar pode não ser adequado aos olhos do aluno, as classes podem apresentar barulho demasiado, onde ninguém ouve ninguém; temperatura desagradável que impossibilita a concentração ou luz desapropriada, ou ainda não comporta o tamanho da turma.

No tocante aos professores, Trevisol e Lopes (2008) evidenciam como ‘atitude indisciplinada na postura do professor,’ a desmotivação dos mesmos, oriunda de vários fatores, que comprometem o rendimento dos alunos, ou seja, refletem diretamente nos mesmos, causando frustração, desinteresse, queda de rendimento, e ainda reflexões sobre ‘o que está fazendo nesse ambiente’. O professor é o espelho do aluno.

Para Aquino (1998 apud TREVISOL; LOPES, 2008, p. 26), esta atitude dos professores significa o “[...] abandono à habilidade das funções docentes em sala de aula”, e quando isto ocorre os alunos deixam de “[...] ter clareza quanto ao seu próprio papel, complementar ao do professor”.

De outra perspectiva, a perda da autoridade do professor, seja pela falta de busca de conhecimento pós formação inicial (desqualificação, desatualização), seja pela postura que assume em sala (desmandos, aulas nada atrativas e assim não estimulam os alunos a pensar a participar), bem como pelo fato de que esta profissão perdeu prestígio nos últimos tempos, o professor deixou de ser ‘a autoridade do saber’. (AQUINO, 1996; ARAÚJO apud OLIVEIRA, 1996; REGO, 1996 apud TREVISOL; LOPES, 2008).

Silva (2014) e Santos (2016) apontam também que a desilusão em relação à indisciplina da sociedade é um fator que pode levar à indisciplina. “[...] violência, falta de emprego e moradia, deixam famílias desestruturadas, de modo que o sujeito fruto deste contexto passa a ser o aluno, como principal alvo [...]”, tornando-se alunos desrespeitosos e ignorando a aprendizagem. (SILVA, 2014, p. 07).

Na ótica de Tiba (2006), outro fator para a causa da indisciplina, seriam as características pessoais, como já exposto. O mesmo expressa que as pequenas alterações de comportamento no decorrer do desenvolvimento do ser humano, na fase na adolescência, podem ser conceituadas como ‘distúrbios normóticos’, e que, apesar de serem próprios da idade, não podem atrapalhar o papel do professor, não podem ser fator impeditivo para que haja

disciplina na escola, sendo assim, os professores precisam entender este processo e ter controle da situação. Como exemplo, Tiba (2006) menciona as típicas confusões que ocorrem no sexto ano, a questão de oposição masculina no oitavo, no nono ano as brigas corporais, já no ensino médio a valorização da amizade, assim como a sexualidade aflorada no período hormonal, a timidez, na fase da onipotência os ataques de autoridade, crescimento do ego, imprudência e destemor típicos da idade. Tiba (1996, p. 124) alerta, ainda, que estas manifestações devem ser acompanhadas, com “muito cuidado ao fazer

uma avaliação, pois existem fortes variáveis emocionais e psicossociais que individualizam as pessoas e que devem ser consideradas.”, ao mesmo tempo, para não deixarem de ser normóticas e transformarem-se em neuróticos (quando apresentam-se em outra fase, levando à adultização ou infantilização).

Todo cuidado é necessário para diagnosticar um aluno, pois existem muitos motivos para os comportamentos em sala de aula. Um olhar diferenciado ajudará nesse processo.

2 O DESAFIO DOS PROFESSORES PARA SUPERAREM OS IMPASSES

Apesar das frequentes mudanças da sociedade provocadas pelas tecnologias, o professor ainda é figura imprescindível na sala de aula apesar de que

O reconhecimento natural da importância do professor para a ascensão social dos indivíduos não existe mais, já faz algum tempo, conforme se constata na obra de Vasconcellos (1995) publicada há duas décadas. O autor, àquela época, afirmou que o tempo do reconhecimento da imprescindibilidade do professor ficou para trás. (SANTOS, 2016, p. 03).

É indispensável então, que todos os esforços sejam para mudar essa visão. O bom desempenho do professor é a maior e melhor atitude deste profissional diante da profissão escolhida e da escola que ele representa. O professor precisa desempenhar bem seus papéis, de forma efetiva, eficaz: ter a ação de planejar como seu maior aliado e, ao planejar, pensar no seu aluno, para tanto precisa saber o que ensinar, o que planejar e como aplicar (utilizar metodologia diferenciada); ele ainda é membro do corpo docente, deve estar pronto para ajudar o colega e também saber pedir ajuda, pois professores são seres humanos e, desta forma, também erram; da mesma maneira que sempre precisam lembrar que é empregado da escola, que tem direito, mas também tem obrigações, regras a cumprir; por fim, e muito importante, deve coordenar o grupo de alunos, ação que aprenderá com a experiência e por isso, muitas vezes, no início de sua carreira, terá

muita dificuldade e precisará do auxílio da equipe pedagógica da escola. (TIBA, 2006).

Aliar o fazer pedagógico, coordenar sua turma e ainda “considerar o elemento "expectativas" em relação a seu trabalho e a seu aluno”, é o maior desafio do professor, pois revelará o prazer ou o desapego do professor por sua profissão. (TREVISOL; LOPES, 2008, p. 26). Dependendo da postura do professor, Aquino (1998 apud TREVISOL; LOPES, 2008) afirma que ele poderá manifestar a indisciplina de alunos.

É necessário respeitar as relações, a hierarquia, sendo assim, o professor não pode atuar como bem entende, muito menos gerar discórdias entre a comunidade escolar, pois os alunos podem se aproveitar desta situação, criar conflito entre os professores, entre a equipe pedagógica e/ou ainda, administrativa. Para fugir deste problema, toda a equipe escolar deve adotar medidas iguais em suas atitudes diante da indisciplina do aluno para que não sejam manipulados pelos mesmos. (TIBA, 1996).

Outro desafio encontrado pelo professor é quando a instituição protege o aluno, o ‘cliente’. Independentemente do fato de este estar ou não com a razão, essa postura da escola implica diretamente na perda de autoridade do professor e gera descontentamento e desmotivação deste profissional, pois não encontra o respaldo da instituição quando precisa.

Separar seus problemas pessoais dos profissionais, segurar suas frustrações, angústias diante da postura dos alunos, da escola, do salário, da sua profissão em geral é mais uma habilidade que o professor precisa exercitar constantemente.

O professor tem que fazer de seu ambiente de trabalho um lugar onde todos

querem estar, focar na educação e desempenhar seu melhor papel, mas muitas vezes, sozinho, lidar com os problemas corriqueiros, principalmente com a indisciplina dos alunos, não é simples. Para tanto, a parceria entre ele, o supervisor e o orientador escolar, a gestão e a família deve ser uma regra.

3 A PARCERIA ENTRE O SUPERVISOR ESCOLAR E PROFESSORES NO CONTEXTO DA INDISCIPLINA ESCOLAR

Mesmo tendo vários problemas com alunos indisciplinados, o educador tem que focar no ensino que proporcionará a seu aluno e no desenvolvimento do mesmo, assim sendo, desempenhará seu melhor papel.

Saber o que fazer e como fazer (seu papel) implica diretamente na motivação do aluno. Mas, como a escola existe para o aluno, todos os esforços devem estar concentrados para o seu desenvolvimento, todas as ações devem a ele convergir, direta ou indiretamente, pois ele é ponto primordial da educação.

Mas, na realidade, por muitas vezes, os alunos se perguntam: estudar para quê? Para passar de ano; para ganhar presente; para ter sabedoria; para os pais não 'pegarem no pé'? Essa ansiedade, esses questionamentos dos alunos fazem com que os mesmos sintam-se perdidos, sem direção, e, por muitas vezes, desencadeiam reações de indisciplina.

Quando a indisciplina se manifesta está atrelada a algum fator ou a vários fatores. Diagnosticar não é tarefa simples, implica em considerar todos os envolvidos, a cultura do aluno, etc., assim como cada aluno deve ser analisado com particularidade, através de suas peculiaridades, por isso todo cuidado se faz necessário. Professores e equipe pedagógica devem ter clareza de que todas as ações em relação à indisciplina "podem funcionar com determinado aluno, mas com outros, não. (ARAÚJO; TORRES; SANTOS, 2010 apud SANTOS, 2016, p. 08).

A indisciplina no contexto escolar é, segundo Aquino (1996, p. 40), talvez

[...] o inimigo número um do educador atual, cujo manejo as correntes teóricas não

conseguiriam propor de imediato, uma vez que se trata de algo que ultrapassa o âmbito estritamente didático- pedagógico, imprevisto ou até insuspeito no ideário das diferentes teóricas pedagógicas.

É evidente que o professor precisa da ajuda da equipe pedagógica, orientador, gestor, administrativo, demais componentes do corpo docente, família e, principalmente, do supervisor escolar, que é o principal auxílio do professor na escola. Esse entendimento coaduna-se com a afirmação de Lück (2008), que, ao se pensar em um determinado setor da escola, é preciso considerar as relações existentes com os demais setores, além da comunidade escolar.

Nesse sentido, cabe ao supervisor escolar assumir, além de funções de assistência, acompanhamento diário aos professores para poderem executar o seu papel, auxiliando com formação continuada e outros recursos para que os professores possam refletir sobre como desenvolver com seus alunos o processo de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, como trabalhar com alunos indisciplinados. Ainda, assumir funções de assistência e de parceria também com o orientador, com o gestor e pais, às pessoas da escola com as quais os educandos mantêm contatos significativos, no sentido de que estes se tornem mais preparados para entender e atender às necessidades dos educandos, tanto com relação aos aspectos cognitivos, comportamentais e psicomotores, como os afetivos.

Para Medida (1997), são muitas as atribuições do supervisor escolar, além de contribuir com o professor:

Cabe ao supervisor, elaborar o plano do setor de supervisão, a documentação do setor,

cronograma de atividades para a escola, as pautas das reuniões, controlar o cumprimento da carga horária dos professores, e as aulas dadas e previstas na grade curricular, realizar levantamentos estatísticos de rendimento dos alunos, organizar o mural da escola, controlar o preenchimento do diário escolar dos professores, providenciar substituição dos professores nos casos de absenteísmo, confeccionar material didático para os professores e entre outras [...]. (MEDINA, 1997, p. 19).

Fica evidente que uma parceria também com a gestão e com a orientação educacional é necessária, mesmo porque as atribuições de ambos se complementam com a do professor e todo esse trabalho é em prol do aluno.

Percebe-se, através da reflexão de Medina (2008, p. 21), que

O supervisor não é mais aquele sujeito que possui um “super-poder” de assessorar, acompanhar, controlar e avaliar o trabalho que os professores realizam nas escolas, mas aquele que constrói com os professores seu trabalho diário.

Ou seja, sob a ótica de Medina (2008), o supervisor necessita estar ao lado do professor desde o planejamento até a consolidação da aprendizagem, visto que este profissional precisa ter como parceiro alguém que possa observar o que ele não vê, perceber os detalhes que ocorrem na instituição escolar, em sala de aula, conhecer a legislação vigente e encontrar soluções para os problemas encontrados, principalmente a indisciplina, que por muitas vezes, deixa os professores sem saber como agir em certas situações.

Desta forma, é necessário primeiro

[...] compreender que o cotidiano da escola deve ser organizado em função da aprendizagem e do sucesso escolar dos discentes, os quais dependerão de diferentes estratégias metodológicas planejadas e executadas. Estas devem estar em consonância com os pressupostos filosóficos e metodológicos definidos coletivamente no PPP, cuja elaboração deve ser sistematizada pelo Coordenador pedagógico. (SOARES, 2012, p. 2).

Partindo dessa premissa, somado ao fato de que “O sucesso de uma escola é medido pelo desempenho de seus alunos”, é incontestável que o supervisor tem papel importante e

decisivo dentro da escola. (GROSBAUM; DAVIS, 2002 apud SOARES, 2012, p. 6).

O supervisor escolar, acima de tudo, deve preocupar-se com o fazer pedagógico, assim sendo, seu trabalho está diretamente ligado ao professor e, conseqüentemente, com o aluno. O ensino e a aprendizagem têm que acontecer.

Para tanto, os conflitos educacionais que surgem no decorrer desse processo merecem atenção, principalmente no que tange ao tema dessa pesquisa. E as ações pedagógicas, nessa perspectiva, merecem constante reflexão, pois a ‘própria escola’, pode ser o motivo desencadeador da indisciplina como já visto. Como contribuição, um PPP muito bem pensado, organizado, construído de forma democrática, voltado à realidade na qual a escola está inserida, a favor do ensino e da aprendizagem, considerando a diversidade, que a escola e seus pares compreendam e assumam compromisso com seus alunos, é o primeiro passo. O supervisor escolar é o coordenador desse processo de elaboração ou reformulação do PPP, ele “ocupa papel norteador nesse processo de constante busca de soluções através da sistematização do planejamento coletivo, que leva em consideração o contexto social”. (SOARES, 2012, p. 07).

Outra forma de contribuição, para amenizar e até erradicar a indisciplina presente nas instituições de ensino, é refletir sobre as causas da mesma; promover estudos com os professores sobre o desenvolvimento do aluno, sobre as características peculiares a cada fase para compreensão do que pode impulsionar a agressividade e certos comportamentos, e conseqüentemente, saber como agir; e até buscar instrumentos, ou criá-los junto com os professores, a ponto de diagnosticar os fatores que levam o aluno a um comportamento fora do padrão.

Propiciar momentos de formação continuada, contemplando assuntos como a função do professor, seu real papel e papéis secundários, sobre planejamento (sua importância), sobre estratégias de ensino (metodologias diferenciadas, significativas) é essencial nesse contexto, pois como já

mencionado, a indisciplina pode estar atrelada ao mal funcionamento de alguma dessas ações, sem que o professor perceba. Refletir sobre a didática utilizada em sala também é primordial, pois,

Só há melhoria no processo ensino-aprendizagem se houver reflexão sobre a ação docente, descartando equívocos da prática educativa e traçando metas e ações que desencadeiem intervenções individuais e coletivas, que atendam as necessidades dos alunos [...]. (SOARES, 2012, p. 13).

Ponderar sobre como o professor se comporta, e que estas ações podem ser o exemplo que o aluno reflete na prática (espelhamento negativo ou positivo), é uma ótima metodologia. O supervisor deve proporcionar momentos para os professores meditem sobre sua postura, seja em relação à escola (assiduidade, pontualidade, respeito, cumprimento de regras, hierarquia, ser mensageiro de bom convívio, de relações boas na escola com todos que nela trabalham, companheirismo, etc.), ou diretamente ligada ao aluno (autoritarismo, desmandos, 'birra' que assumem diante de alguns alunos, etc.). (ANTUNES, 2003).

Além dessas reflexões, oportunizar aos professores momentos de sensibilização, que estimulem a autoestima e resgatem o prazer de ser professor deve ser uma constante, pois o ser humano é movido pela motivação.

Instrumentalizar os professores também retrata a parceria existente entre ele e o supervisor. O professor precisa compreender e repensar o que é um conselho escolar, sua finalidade, assim como as reuniões pedagógicas também devem ser proveitosas. O professor precisa ser respeitado, logo, esses momentos devem ser produtivos, significativos, planejados, onde o processo de ensino e de aprendizagem seja o centro de todas as discussões e o professor seja corresponsável desde as reflexões, assim como nas discussões e decisões, no planejamento, bem como nas intervenções das ações dentro da escola.

Nesse sentido, pensar sobre a forma arcaica como a escola ainda se apresenta aos alunos se faz urgente. (AQUINO, 1996; BAÚ; RUIZ, 2010, REGO apud AQUINO, 1996).

Gestores, especialistas, professores, a comunidade escolar em geral devem repensar este espaço, de que forma ele se apresentaria mais significativo para o aluno, sem perder sua função de educar. Com este espírito de cooperação, é necessário planejar momentos em que o aluno tenha prazer em estar na escola, seja pedagogicamente falando (teatro, gincanas, campeonatos, festas, etc.), seja através da comunicação efetiva e eficaz, seja na discussão sobre as regras que permearão esse espaço (nesse contexto, o aluno também é chamado a tomar a decisão), etc. Decisões coletivas tendem a obter menos rejeição e infração pelo sentimento de corresponsabilidade dos envolvidos.

A escola precisa confirmar sua função através de ações, em parceria entre seus pares, demonstrando que a escola é um lugar de aprendizado, de desenvolvimento, de formação para vida social e, por isso, ali os alunos devem estar. A importância da escola precisa ser solidificada por momentos de reflexão por parte dos alunos, ou seja, devem ser implementadas ações de sensibilização, que considerem a diversidade cultural e, por conseguinte, a convivência com o outro. A escola é para o aluno e, portanto, 'é do aluno', pois, sem eles não teria utilidade. Fazê-los perceber a essência dessa expressão, implica em resgatar princípios e valores, principalmente os que regem a convivência (bullying, cyberbullying, problemas de relacionamento, etc.), o respeito mútuo (em relação a amigos, professores, aos pais), especialmente o respeito ao patrimônio.

O supervisor pode ainda propor e também contribuir com momentos de debates referente a situações que se apresentam na escola, para que os alunos sejam ouvidos e juntos cheguem a uma decisão, pois "Como um aluno irá desenvolver conceitos de justiça e praticá-los se é freqüentemente injustiçado e punido, se não é ouvido ou mesmo questionado sobre o que se passa com ele?". (TREVISOL; LOPES, 2008, p. 27). Outra ação voltada ao aluno, é desenvolver projetos que tenham a finalidade de trabalhar projeto de vida, discutir perspectivas de vida. O supervisor pode propor e até participar dos mesmos. Não menos importante, um trabalho de

resgate da autoestima (essencial e fundamental ao ser humano) do aluno deve ser pensando e implementado para evitar que ocorram distúrbios e oscilações nessa fase ou no futuro. (TIBA, 1996).

Para complementar, refletir sobre estratégias de inserção da família nesse espaço é tarefa de todos, momentos atrativos devem ser pensados, com finalidade, para realmente firmar uma parceria entre família e a escola. A escola pode promover, também, momentos de debates sobre situações relacionadas às ações da escola; formação com palestrantes sobre as várias situações que permeiam o seu filho (desenvolvimento, drogas, internet, indisciplina, etc.), temas que contribuirão com seu papel de pai, mãe ou responsável; bem com discutir qual é o papel da escola e qual o papel dos pais. Independente da ação, nesse contexto, esses

momentos devem ser muito bem planejados com intuito de aproximá-los da escola.

Percebe-se que muitas são as opções para se fazer uma escola diferente, não necessariamente são ações do supervisor, mas ele pode contribuir, pois independente do aluno e da família não serem o objeto de seu trabalho, são parte da ação dos professores, e escola não se faz numa vertente apenas, tudo se interliga.

“É importante que a escola adote a discussão de temas-problema com os diferentes grupos que a compõem. (TREVISOL; LOPES, 2008, p. 27). Isto posto, percebe-se que, quando a ‘escola’ se depara com um problema, identificar formas de enfrentá-lo é primordial, logo, toda a comunidade escolar deve ser sensibilizada a encontrar uma solução para atender o objetivo fim da escola: o ensino e a aprendizagem do aluno. (SANTOS, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa efetuada, foi possível aferir que a indisciplina é um tema vasto, sempre atual, possui causa variada, intrínseca ao aluno ou determinada por fatores externos a ele e, ainda, pode interferir na sua aprendizagem, no convívio com seus pares, com profissionais da escola, prejudicando o ambiente escolar.

A manifestação da indisciplina, diante do exposto, direta ou indiretamente, nos leva a refletir que:

- Tem origem em diferentes e variadas causas e se manifesta de múltiplas formas;
- Significa quebra de regras;
- Demonstra que a escola não acompanhou os avanços culturais e tecnológicos, e assim, precisa urgentemente adotar uma nova postura;
- Atrapalha o andamento da aprendizagem, professores e demais alunos podem se desestimular, favorecendo que dificuldades de aprendizagem se apresentem;
- Professores, na maioria das vezes, não estão preparados para lidar com a adversidade, com conflitos e, assim, o exercício de suas competências pode ser influenciado de forma negativa, alterando sua postura em sala de aula;

- A autoavaliação de todos deve ser uma constante;
- Sua origem pode estar atrelada a características pessoais: deficiência, distúrbios e transtornos; desenvolvimento; puberdade; sentimento de onipotência, etc. Assim como através de características relacionais: problemas interpessoais, de autoestima, etc.;
- Pode estar diretamente ligada a dificuldades de aprendizagem ou distorção idade-série;
- Pode ser desencadeada por fatores externos, como:
 - indisciplina da própria escola (falta de motivação, estrutura arcaica, falta de democracia, de planejamento significativo de suas ações; falta de um PPP consistente, que atenda às necessidades dos alunos, etc.);
 - indisciplina dos professores (falta de postura, desmotivação, frustração, falta de planejamento, autoritarismo, desatualização, etc.);
 - indisciplina da família (excesso de zelo, falta de regras, ausência, etc.);

- indisciplina da sociedade (falta de cultura, de moradia, desemprego, desestrutura familiar, violência, etc.).

- Todos os profissionais que atuam na escola devem trabalhar em parceria, com ações planejadas para lidarem com esse problema, assim como em outras situações que permeiam

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996.

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. (Coord.). Disciplina, Indisciplina e a complexidade do cotidiano Escolar. In: OLIVEIRA, M. K. (Comp.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 1996. p. 215-232.

BAÚ, Lilianne Blauth; RUIZ, Adriano Rodrigues. Indisciplina x ensino aprendizagem: questões atuais. In: Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão. **Anais**, Presidente Prudente, out. 2010.

JESUS, Graziela de; MAIA, Graziela Zambão Abdian. **Indisciplina escolar: reflexões**. [2010?], UNESP. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/307/252>>. Acesso em: 8 out. 2017.

LÜCK, Heloísa. **Ação integrada: administração, supervisão e orientação educacional**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MEDINA, Antônia da Silva. **Supervisão Escolar: da ação exercida à ação repensada**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

_____. Supervisor Escolar: parceiro político-pedagógico do professor. In: SILVA JR., Celestino Alves da; RANGEL, Mary. (Orgs.). **Nove olhares sobre a Supervisão**. Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2008.

REGO, Teresa Cristina Rebolho. A indisciplina e o processo educacional: uma análise na

a escola e os pais devem fazer parte desse processo.

Conclui-se, ainda, que a indisciplina é fato presente nas escolas, merece atenção e constante reflexão, bem como ações significativas e planejadas, que envolvam toda a comunidade escolar, seja de prevenção como de intervenção.

perspectiva Vygotskiana. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 6, p. 86-102.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo: Editora Gente, 1996.

_____. **Disciplina: limite na medida certa**. Novos paradigmas. Ed. ver. atual e ampli. São Paulo: Integrare Editora, 2006.

_____. **Pais e educadores de alta performance**. 2. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2012.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron; LOPES, Anemari Luersen Vieira. **A (in)disciplina na escola: sentidos atribuídos por profissionais da educação**. [2008?]. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/909_555.pdf>. Acesso em: 13 set. 2017.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento. **Estação Científica**, Juiz de Fora, nº 15, jan./jun. 2016. Disponível em: <<http://portal.estacio.br/media/6078/3-a-indisciplina-na-escola-causas-preven%C3%A7%C3%B5es-e-enfrentamento.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 9. ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA, Dorli Aparecida de Gouveia da. **A indisciplina: causas e consequências no processo do ensinar e aprender**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/47212/DORLI%20APARECIDA%20DE%20>

GOUVEIA%20DA%20SILVA.PDF?sequence=1 &isAllowed=y>. Acesso em: 20 set. 2017.

SOARES, Andrey Felipe Cé. Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica: Uma Relação Complexa. **IX ANPESUL**. Seminário de Pesquisa da região Sul, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16819/1/2015_MartaRochaPorto_tcc.pdf>. Acesso em: 18 out. 2017.

VALA, Cleuza Luiza dos Santos. **Indisciplina:** um diálogo entre professores e pais para estabelecer ações pedagógicas e resolver o problema da indisciplina na escola. Caderno Pedagógico - Escola Estadual João Turin – Ensino Fundamental. Paraná [2009?].